

## A “ANÁLISE LEIGA” NOVAMENTE EM QUESTÃO? NOVAS ELABORAÇÕES SOBRE A MENTE DO ANALISTA<sup>1</sup>

LAY ANALYSIS IN QUESTION AGAIN? NEW ELABORATIONS ON THE ANALYST'S MIND  
¿EL 'ANÁLISIS LEGO' DE NUEVO EN CUESTIÓN? NUEVAS ELABORACIONES SOBRE LA MENTE DEL ANALISTA

Luis Claudio Figueiredo<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto relê o livro de Freud de 1926 com o foco nas ideias que dizem respeito à formação do analista, seus problemas e condições. Ao final retoma-se a problemática pelo ângulo de algumas ideias de Wilfred Bion.

**Palavras-chave:** Análise leiga. Formação da mente do analista. Função psicanalítica da personalidade.

*Abstract: The text rereads Freud's 1926 book with the focus on ideas that concern the formation of the analyst, their problems and conditions. At the end, the problematic is resumed from the angle of some of Wilfred Bion's ideas.*

*Keywords: Lay analysis. Formation of the analyst's mind. Psychoanalytic function of personality.*

*Resumen: El texto relee el libro de Freud de 1926 centrándose en las ideas relativas a la formación del analista, sus problemas y condiciones. Al final, se revisa el problema desde el ángulo de algunas ideas de Wilfred Bion.*

*Palabras clave: Análisis leigo. Formación de la mente del analista. Función psicoanalítica de la personalidad.*

Freud, em 1926, escreveu um pequeno livro sobre a análise leiga na forma de um diálogo com um interlocutor imaginário e em 1927 esclarece:

O ensejo para que eu redigisse a pequena obra em que se baseia a discussão foi a acusação de charlatanismo feita contra nosso colega não médico, o dr. Theodor Reik junto às autoridades vienenses (FREUD, 2014, p. 173).

<sup>1</sup> Originalmente e em versão resumida, este texto foi apresentado em uma atividade interna da SBPRJ em maio de 2023.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro efetivo do CPRJ, professor aposentado da USP, professor da pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP. E-mail: lclaudio.tablet@gmail.com

Análise leiga era entendida na época como uma psicanálise conduzida por alguém não formado em medicina. Hoje em dia, por razões que ficam evidentes no texto, poderíamos incluir na noção de “análise leiga” também quem não é formado em psicologia.

No entanto, em dado momento Freud nos diz:

quem passou por essa aprendizagem, foi ele próprio analisado, compreendeu o que hoje se pode ensinar da psicologia do inconsciente, está informado da ciência da vida sexual e aprendeu a difícil técnica da psicanálise, a arte da interpretação, o combate às resistências e o manejo da transferência, *esse não é mais um leigo no campo da psicanálise*. (FREUD, 2014, p. 148, grifo do autor).

Ou seja, temos uma noção formal do que se pode chamar de análise leiga (ligada a não ter certos diplomas) e outra que vai ao coração do problema e que diz que *analista leigo é quem não tem a formação adequada*. Hoje em dia, sabemos, muita gente se intitula psicanalista e pratica uma “verdadeira” análise leiga. Assim, poderemos ser a favor da chamada “análise leiga”, isto é, a praticada por não diplomados, e sermos terminantemente contra a “verdadeira” e famigerada análise leiga, a praticada por quem não dispõe de uma mente de analista minimamente cultivada. Essa era, na verdade, a posição de Freud ao longo de todo o livro.

Do ponto de vista formal, Freud nos diz taxativamente:

Pus em primeiro plano a tese de que o que importa não é se o analista possui ou não um diploma de medicina, mas se adquiriu a formação especial que o exercício da análise requer. Isso levou à questão, ardorosamente discutida pelos colegas, de qual seria a formação mais adequada para um analista. Sustentei, e continuo sustentando, que não é aquela que a universidade prevê para um médico. (FREUD, 2014, p. 174).

Não é também o que a universidade prevê para psicólogos, embora os formados em psicologia costumem ter, comparados aos médicos, um contato mais longo com as teorias da psicanálise, entre muitas outras teorias e experiências formativas.

No entanto, sabemos que Freud não valoriza muito esse contato livresco com as teorias porque sabe que não haverá boa assimilação da teoria psicanalítica sem uma base de experiência pessoal. Diz ele ao interlocutor imaginário:

Sei que não posso convencê-lo. Está fora de toda possibilidade e, portanto, também fora de meus propósitos. Dando instrução teórica em psicanálise a nossos discípulos, podemos observar a pouca impressão que lhes fazemos no início. Eles recebem as teorias psicanalíticas com a mesma frieza com que receberam outras abstrações de que foram nutridos. Alguns talvez queiram ser convencidos, mas não há indício de que sejam. (FREUD, 2014, p. 116).

Realmente, sem a experiência pessoal, as teorias caem no vazio, ainda que alguns estejam autenticamente interessados nelas.

E ainda, prossegue Freud, retomando o combate à psicanálise leiga nesse

## CONVIDADO

sentido profundo a que aludimos acima: “[...] ênfase a exigência de que não deve exercer a psicanálise quem não tenha adquirido o direito de fazê-lo, mediante uma formação específica. Se essa pessoa é ou não médico parece-me secundário”. (FREUD, 2014, p. 174).

E qual seria essa formação específica? Análise pessoal, prática supervisionada e um programa de estudos que inclui “material das ciências humanas, de psicologia, história da civilização, sociologia, e também da anatomia, biologia e história da evolução”. (FREUD, 2014, p. 174). Ou seja, alguns elementos das ciências biológicas que compõem a formação em medicina (embora não se saiba bem no que a anatomia possa contribuir nesse contexto formativo), mas também muitos outros que vão em outra direção.

Na verdade, Freud insiste em inúmeros momentos que a psicanálise não é uma especialidade médica: “A psicanálise é parte da psicologia, não da psicologia médica no velho sentido, ou psicologia dos processos patológicos, mas psicologia simplesmente; não o conjunto da psicologia, mas sua base, talvez seu fundamento mesmo”. (FREUD, 2014, p. 174).

Será então que a formação em psicanálise exigiria o diploma em psicologia? No entanto, o que Freud disse do diploma em medicina poderia ser dito do diploma de psicólogo, o que se constata facilmente examinando os currículos dos cursos de psicologia das nossas melhores universidades. Parafraseando Freud, que disse “Se essa pessoa é ou não médico parece-me secundário”, poderíamos, usando do mesmo argumento, dizer: se essa pessoa é ou não psicólogo parece-me secundário.

Médico ou psicólogo, caso exerçam ou tentem fazer psicanálise sem o processo de formação específico, farão *análise leiga*, aliás como qualquer sujeito que abra seu consultório e se apresente como analista sem uma mente de analista minimamente cultivada. Somos contra, Freud também era. Mas o que seria a formação específica? Freud afirma ao interlocutor imaginário:

Se lhe expus tanta psicologia, foi por desejar que você tenha a impressão de que o trabalho analítico é um exercício de psicologia aplicada, de uma *psicologia, além do mais, que não se conhece fora da análise*. O analista deve, antes de tudo, ter aprendido essa psicologia, a psicologia das profundezas ou do inconsciente... (FREUD, 2014, p. 123, grifo nosso).

Mas ele só aprende essa psicologia das profundezas na análise pessoal e na prática clínica bem e atentamente supervisionada, nunca apenas estudando teoria, seja nos cursos de psicologia, seja em qualquer outro lugar.

Toda a teoria que nos interessa – tanto as teorias da psicanálise como as das áreas afins – só será assimilada a partir de experiências pessoais:

exigimos que todo aquele que quer analisar outros se submeta antes a uma análise ele próprio. Somente no decorrer dessa “autoanálise” (como é impropriamente denominada), *quando vivenciam no próprio corpo – ou melhor, na própria alma – os processos postulados pela psicanálise, adquirem as convicções que depois os guiarão como analistas* (FREUD, 2014, p. 126, grifo nosso).

É notável a diferença entre o que podemos ler, estudar e entender das teorias psicanalíticas na condição de meros interessados e o que delas podemos

assimilar crítica e criativamente quando estamos nos submetendo às experiências do inconsciente em uma análise pessoal e numa prática supervisionada.

É também na experiência pessoal que podem ser identificadas as condições pessoais, emocionais e intelectuais para o exercício de nosso ofício. É somente na experiência da análise pessoal e da prática supervisionada que se refinam nossas qualidades e nossas capacidades emocionais e cognitivas, como o tato, o senso de oportunidade, a sensibilidade às dimensões inconscientes da alma. É só assim que se cultiva uma mente de analista. Mais que isso: é apenas na análise pessoal e na prática supervisionada que se pode constituir um “desejo de analista”, ou seja, uma contratransferência primordial (FIGUEIREDO, 2003) que cria a base do que pode vir a ser uma mente de analista bem cultivada. Por essa razão parece interessante o modelo francês de formação apresentado por Chervet: a aceitação em um instituto formativo e o início da formação é condicionado por anos de análise pessoal prévia e de alguma prática clínica (CHERVET, 2022).

É claro que isso deixa em aberto uma questão: com que critérios admitir candidatos nos institutos de formação?

Nesses institutos os candidatos se submetem eles próprios à análise, recebem instrução teórica, com aulas em todos os assuntos relevantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e experientes, quando lhes permitem fazer as primeiras tentativas em casos mais leves. Calcula-se aproximadamente dois anos para essa formação [!!!<sup>3</sup>]. Naturalmente, após esse tempo o indivíduo é apenas um iniciante, não é ainda um mestre. O que ainda falta precisa ser adquirido na prática e pela troca de ideias nas sociedades psicanalíticas, em que membros mais jovens se encontram com aqueles mais velhos. A preparação para a atividade analítica não é simples e fácil, o trabalho é duro e a responsabilidade é grande. (FREUD, 2014, p. 174).

Sim, mas como ingressar nesse processo? Se a posse de diplomas em medicina ou psicologia não responde à questão, o que fazer?

Freud pensa que

os analistas leigos [no sentido de não serem diplomados em medicina] que hoje exercem a psicanálise não são indivíduos quaisquer, aparecidos não se sabe de onde, e sim pessoas de formação acadêmica, doutores em filosofia, pedagogos, e algumas mulheres com grande experiência de vida e personalidade marcante. *A análise que todos os candidatos de instituto psicanalítico têm de fazer é, ao mesmo tempo, a melhor maneira de obter informação sobre a aptidão pessoal para o exercício dessa exigente atividade.* (FREUD, 2014, p. 180, grifo nosso).

Ou seja, *não há critérios prévios indiscutíveis*, é necessária uma avaliação básica e um tanto vaga, admitamos, das condições pessoais dos candidatos para, nos processos de análise, as coisas irem se esclarecendo, uma forte razão para a defesa do modelo francês tal como exposto por Chervet. Essa ausência de

<sup>3</sup> Ah, os bons tempos!

## CONVIDADO

critérios prévios e indiscutíveis, como seria a posse de diplomas, é, aliás, uma das ideias básicas desta comunicação. Freud sabe, por exemplo, que

A questão é ter certa sensibilidade para o que é inconsciente e reprimido, e nem todos a possuem em igual medida. A isto se relaciona a obrigação de o analista fazer-se apto, mediante profunda análise própria, a acolher sem ‘pré-conceito’ o material analítico. (FREUD, 2014, p. 138).

Mas se o sujeito tem ou não tem essa sensibilidade, só em análise vai se saber e, mesmo assim, os critérios para a sua identificação serão sempre bastante subjetivos. De toda forma, diplomas universitários em medicina, psicologia ou em qualquer outra área não garantem absolutamente nada em relação a isso. Por outro lado, é evidente que condições de muita ignorância em relação a inúmeras áreas da cultura podem dificultar enormemente o exercício da psicanálise. Freud, por exemplo, diz que “a instrução analítica também abrangeria matérias distantes da medicina, com as quais o médico não tem contato em sua atividade: história da civilização, mitologia, psicologia da religião e literatura”. (FREUD, 2014, p. 168). Ilustrados dificilmente estarão à altura desses estudos.

Mas além de todos os argumentos contra o requisito de diplomas de médico ou psicólogo, Freud, dando um passo a mais, ainda nos diz: “Defendo o valor intrínseco da psicanálise e sua independência da aplicação médica”, (FREUD, 2014, p. 176) ou, podemos acrescentar, psicoterapêutica.

Não nos parece desejável, de forma nenhuma, que a psicanálise seja engolida pela medicina [ou pela psicologia clínica] e venha a ter sua morada definitiva nos manuais de psiquiatria, na seção sobre terapias, ao lado de procedimentos como sugestão hipnótica, autossugestão e persuasão... Ela merece destino melhor, e temos esperança de que o terá. Na condição de “psicologia profunda”, de teoria do inconsciente psíquico, ela pode se tornar imprescindível para todos os saberes que se ocupam da gênese da cultura humana e de suas grandes instituições, como arte, religião e organização social. (FREUD, 2014, p. 170).

E ainda: “O emprego da análise na terapia das neuroses é *apenas uma* de suas aplicações; o futuro talvez mostre que não é a mais importante”. (FREUD, 2014, p. 170, grifo nosso).

E continua:

Se os representantes das várias ciências humanas aprenderem a psicanálise para aplicar os métodos e abordagens desta ao seu material, não bastará que se atenham aos resultados consignados na literatura psicanalítica. Terão de aprender a conhecer a análise pela única via possível, submetendo-se a uma análise eles próprios. (FREUD, 2014, p. 170).

Esses indivíduos precisarão de uma boa formação nos institutos, mesmo que não pretendam exercer o ofício de psicanalistas clínicos em consultórios:

Assim, aos neuróticos que necessitam de análise se juntará uma segunda classe de pessoas, as que a farão por motivos intelectuais...A realização dessas análises vai requerer certo número de analistas para os quais conhecimentos médicos terão pouca relevância. Mas esses “analistas de

ensino” – vamos chamá-los assim – necessitarão de uma formação particularmente cuidadosa. Para que esta não seja atrofiada, será preciso dar-lhes a oportunidade de reunir experiência com casos instrutivos e comprovativos; e, como indivíduos são a quem falta a motivação da curiosidade não se submetem à análise, é apenas com neuróticos que – sob rigorosa supervisão – os analistas de ensino poderão ser treinados para sua posterior atividade não médica. (FREUD, 2014, p. 170).

Mais uma vez: não se forma uma mente de analista apenas pelo estudo de textos psicanalíticos e se quisermos ver a operação de mentes de analista nos diversos campos da cultura e da civilização, elas precisarão ser cultivadas nas experiências pessoais da análise e da prática supervisionada.

Na verdade, a psicanálise exercida fora da clínica não pode ser desprezada. Disse Freud ao interlocutor imaginário:

devo lembrar-lhe que existe outra área de aplicação da psicanálise que se acha fora do âmbito da lei sobre charlatanismo, e que os médicos dificilmente poderão reivindicar para si. Refiro-me ao seu emprego na pedagogia. (FREUD, 2014, p. 171).

E dando um passo a mais, Freud levanta a possibilidade de a psicanálise expandir-se para o trabalho social (*social workers*, em inglês no texto), desde que exercida por analistas formados *comme il faut*, na análise pessoal e na prática clínica supervisionada.

Por motivos práticos adotamos o hábito, também em nossas publicações, de distinguir entre análise médica e aplicações da análise. Isso não é correto. Na realidade, a linha de separação é entre psicanálise científica e suas aplicações nos âmbitos medicinal e não medicinal. (FREUD, 2014, p. 180).

Os institutos de psicanálise precisariam se abrir para toda essa gama de interessados e tarefas formativas, renunciando a diplomas que não permitem uma boa discriminação entre os que podem e os que não podem fazer da psicanálise seu ofício e sua identidade profissional.

## UM ADENDO

Considerando essas ideias de Freud, mas indo além delas, pois não quero que confundam a argumentação acima com um mero recurso à força da autoridade, sugiro retomar a questão por outro ângulo, a partir da noção de ‘função psicanalítica da personalidade’ (cf. BION, 1962; FIGUEIREDO, 2021). No que consiste a tal ‘função psicanalítica da personalidade’?

Marina Ribeiro (2019) em texto recente retoma o tema:

O termo “função psicanalítica da personalidade” aparece na obra de Bion (1962/1991) em um único momento, quando descreve o vínculo K, o vínculo do conhecimento. Zimmerman (2004) afirma que essa função representa uma atitude diante da verdade e do conhecimento de si; ou seja, o movimento da mente humana na busca do sentido e da verdade das experiências emocionais, próprio a cada um. Para Ogden (2009b), a

função psicanalítica da personalidade constitui um dos quatro princípios do funcionamento mental na obra de Bion, que são: 1-) O pensamento é impulsionado (*driven*) pela necessidade humana de conhecer a verdade, a realidade de quem somos nós e do que se passa em nossa vida. 2-) É necessária a presença de duas mentes para pensar os pensamentos mais perturbadores de uma pessoa. 3-) A capacidade de pensar é desenvolvida, para que uma pessoa se reconcilie com pensamentos que nascem de sua experiência emocional perturbadora. 4-) Existe, inerente à personalidade, uma função psicanalítica: o sonhar – ou emocional perturbadora (OGDEN, 2009b, p. 91 apud RIBEIRO, 2019).

Desde essas ideias sugiro:

a) A função psicanalítica da personalidade tem de ser reconhecida como condição básica da análise tanto quando opera no analista como no paciente (qualquer paciente); se os humanos não pudessem exercer essa função transformativa da experiência emocional, não seriam analisáveis, e quando um paciente muito grave tem essa função excessivamente inibida ou perturbada, a análise fica muito difícil, quando não impossível;

b) A função psicanalítica da personalidade precisa ser reconhecida em sua universalidade e em suas variações individuais; há indivíduos mais aptos e dispostos a cultivar seu potencial e outros menos, como já assinalava Freud quando afirma: “A questão é ter certa sensibilidade para o que é inconsciente e reprimido, e nem todos a possuem em igual medida” (FREUD, 2014, p. 138); Chervet, no texto antes mencionado, também insiste muito nesse tema;

c) Caberá aos institutos de formação identificar – tarefa bastante difícil e cercada de insegurança – os indivíduos mais aptos ao ofício de psicanalistas por trazerem um maior potencial para o cultivo da função psicanalítica da personalidade e, na medida do possível, proteger esse potencial, pois, como disse eu mesmo em outro momento,

mesmo que acreditemos em uma “função psicanalítica da personalidade” – ou seja, na universal capacidade humana de hospedagem, afetação, ligação, representação, simbolização, transformação e compartilhamento das experiências emocionais – e mesmo que reconheçamos em alguns sujeitos uma vocação especial para seu exercício, a sustentação da mente do analista e sua formação continuada... não é tarefa simples (FIGUEIREDO, 2022).

O mais grave é quando os Institutos, além de se equivocarem grosseiramente na identificação desse potencial, o maltratam (mas sobre esse tema espinhoso não vou me estender aqui);

d) A análise nas práticas médicas e psicológicas e nas outras (pedagogia, em sentido ampliado, e trabalho social) destina-se sempre ao cultivo da “função psicanalítica da personalidade” como sendo o aspecto central do processo de “cura” no sentido amplo do termo;

e) O objetivo de uma psicanálise na clínica psicanalítica é expandir a função psicanalítica da personalidade dos neuróticos, psicóticos, *borderline* e psicossomáticos no contexto de uma situação analisante;

f) Os objetivos da psicanálise fora da clínica, na pedagogia em sentido amplo e no trabalho social, também é o de expansão da função psicanalítica da personalidade de indivíduos e coletividades, embora isso seja feito em outros dispositivos, dispositivos psicanalíticos não clínicos.

Sendo assim, sugiro que os institutos de formação estejam dispostos a admitir formandos que, além do potencial mais evidente para o cultivo da função psicanalítica da personalidade, entendam esses objetivos e se disponham à formação com todos os seus requisitos, mas principalmente, o de se submeterem à análise pessoal (sempre que possível, iniciada antes do início da formação propriamente dita), às práticas supervisionadas e à formação teórica multifacetada. Mas também sugiro que os institutos permitam e promovam esses ingressos usando critérios de admissão que sejam intrínsecos à psicanálise e não meramente formais.

#### REFERÊNCIAS

- BION, W. *Learning to experience*. London, *Karnac Books*, 1962.
- CHERVET, B. Formação psicanalítica com fim e sem fim. Transmissão, formação e falta. *TRIEB*, v. 21, n. 2, p.63, 2022.
- FIGUEIREDO, L. C. A formação da mente do analista. Considerações a partir de Ferenczi e Bion. *SIG Revista de Psicanálise*, v. 18, n. 1, p.29, 2021.
- FIGUEIREDO, L. C. *A mente do analista*. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2022.
- FIGUEIREDO, L. C. Transferência, contratransferência e outras coisinhas mais. In: FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.
- FREUD, S. A questão da análise leiga. Diálogo com um interlocutor imparcial. In: FREUD, S. *Obras completas* (vol. 17). São Paulo, Companhia das Letras, 2014.
- RIBEIRO, M. Alguns apontamentos acerca da função psicanalítica da personalidade no campo analítico. A narrativa do analista e do escritor. *Cadernos de Psicanálise*, v. 41, 2019.